ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICAS LGBT – CONLGBT, GESTÃO 2023-2025.

Ocorrido no dia dezoito de setembro de dois mil e vinte e quatro, presencialmente na na Casa da Cidadania, situada na Rua Quinze de novembro, 119 – Centro Histórico, com primeira chamada feita as 18h:30, não havendo quórum e segunda chamada as 19h:00, havendo quórum presente, a reunião se iniciou as 19h:16. O Vice-Presidente Marcos Vinícios da Silva Santos abre a sessão dando boas vindas a todas, todos e todes presentes, e inicia justificando a ausência do Sr. Presidente Wellington, que por motivos pessoais, irá chegar um pouco mais tarde. I**tem 1: Leitura e Aprovação da Ata da AGO realizadas em agosto/2024;** Sr. Vice-Presidente pergunta aos presentes se todas as pessoas receberam a ata via e-mail e se há algum destaque. Como ninguém se manifestou, a ata foi aprovada. Em seguida comunica os presentes que a Sra. Flávia Bianco, Sr. Laerte, Sra. Cláudia Toledo, Sra. Maria Cláudia, Sra. Tássia Prado, Sra. Patrícia Simões, Sra. Daniela Stazack, Sra. Kelly Galetto, Sr. Marcos Vinícius Corrêa e Sr. Guilherme Aurélio justificaram as suas ausências via e-mail. **Item 2. 13ª Semana da Diversidade Sexual;** Sr. Vice-Presidente inicia a sua fala sobre a importância de todos deste CONLGBT estar se inscrevendo no edital de atividades da 13ª Semana da Diversidade. Nós, enquanto entidades, precisamos pensar também o que cada uma das nossas entidades, ela pode contribuir para a programação da Semana. Isso é muito importante, até por conta das questões do patrocínio, porque as empresas, elas perguntam o que vai acontecer de fato. Não querem patrocinar um evento por simplesmente patrocinar, eles gostam de agregar valor, então é importante a gente ter aí as atividades. O edital já está publicado não houve nenhuma proposta de atividades até o momento, a não ser aquelas que foram propostas por este CONLGBT e pela CODIVER. Nós da diretoria executiva diante de tudo isso, achamos melhor estender o prazo de inscrição para o dia 15 de outubro. O que vocês acham? Como não houve objeção, o prazo foi estendido. Então peço que a sociedade civil encaminhe as suas atividades e as secretarias municipais, receberão o edital cada qual em sua secretaria. É importante a participação da OAB, da APOLGBT Santos, do IBRAT. A Secretaria de Saúde está bem em sintonia com a gente, até por conta do dia primeiro de dezembro. O calendário da Semana, ele começa no dia primeiro de dezembro, que é o dia mundial de luta contra a AIDS. Então, a gente teve uma conversa com o CCDI – Coordenadoria de Controle de doenças Infectocontagiosas, e juntamente com a equipe de lá estamos na construção uma agenda específica para o dia primeiro. Vai ter todo um apelo midiático, por conta disso também. Logicamente, a gente ficou com receio de associar a pauta ou não, porque tem essa questão da despatologização, para não segregar. Mas é importante a gente ter essa agenda, já que a gente não vai conseguir fazer a semana como esperado, conforme o calendário oficial do município, que seria agora, no final de setembro, por conta do ano eleitoral. Estamos tentando fazer a lição de casa, mandando para as universidades, para os parceiros, para que a gente possa ter uma semana bem recheada de atividades e construir e dar luz, vez e voz para a gente também, que por vezes é tão, calado nos espaços. Abel pede a palavra,

e pergunta se há a possibilidade dele estar fazendo um encontro onde possa trazer o tema das cotas trans nas universidade. Sr. Wellington responde que sim, muito bom tema. **Item 3. AMSITT – Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais – Hospital Guilherme Álvaro, para esclarecimentos sobre a falta de hormônios para transexuais e travestis;** Sr. Wellington diz aos presentes que o Sr. Jefferson que ocupa a cadeira foi chamado para estar presente neste AGO, mas ele disse que haverá uma reunião dia 26, próximo, após isso acreditamos que na próxima AGO ele venha e traga esclarecimentos. Abel diz que com relação a esta pauta, está tentando articular um abaixo assinado, que foi a ideia da Sra. Taiane para poder tanto se posicionar e reivindicar a questão da falta de hormônio que está sendo periódico. Há semanas que tem o hormônio disponível, outras não. E também articular sobre o retorno do hormônio para os transmasculinos. A medicação nebido, que agora foi substituída pela Deposteron, tem um efeito colateral muito mais acentuado**. Item 4. Devolutiva da visita ao Albergue Noturno sobre conduta ética;** Ficou combinado que Thalles e Fernanda iriam ao Albergue Noturno para fazer a adequação do documento juntamente com a Sra. Josenice. Hoje eles não estão aqui, essa pauta fica para próxima AGO. Abel se pronuncia e diz que também esteve neste encontro com Thalles e Fernanda. Não conversamos diretamente com a Sra. Josenice, foi outra assistente social que nos atendeu. Naquele momento só tiramos como encaminhamento que a Instituição (colaboradores e abrigados) passe por uma formação, a intenção é conversar com a Sra. Taiane, que é quem cuida desta parte. Sr. Wellington pergunta sobre a retificação do documento. Abel diz que não mexeram no documento porque Fernanda estava com tempo limitado. Sr. Wellington diz que se faz necessário ter um desfecho disso, porque o processo administrativo está conosco e o combinado aqui foi fazer as mudanças no documento. O relatório está posto é um documento público, Fernanda tomou conhecimento aqui na Assembleia, estava à disposição para quem quisesse ler e com isso gostaria de saber se vai de fato mudar o relatório, vai suprimir o nome? Abel diz que não foi marcado nenhum encontro futuro para mexer neste documento. **Item 5. Momento: O Conselho que queremos?** Sr. Wellington inicia dizendo aos presentes que a metodologia que está usando nas reuniões da executiva, é a da participação dos coordenadores das comissões também. Porque o que eu entendo que um conselho só tem produto de discussão, e só avança se as comissões estão trabalhando. As comissões têm que gerar esse produto também para que a gente possa ter a vida do conselho acontecendo. Que não é só uma assembleia no mês que vai resolver os problemas que a gente tem. As Comissões precisam estar ativas. E diante de tudo que já aconteceu, temos um ano de conselho, esse um ano foi muito intenso, de muita intensidade, muita coisa que a gente vivenciou e vem vivenciando no Conselho. Então a gente colocou esse momento aqui, o conselho que queremos, para que a gente possa ouvir das pessoas que aqui vem todo mês, que abdicam, por vezes, de um outro momento da sua vida para estarem aqui presentes, seja representando uma instituição, ou seja, cidadãos que vêm aqui e participem, para a gente ouvir qual é a expectativa, o que esperam que esse conselho trabalhe em cima. Enfim, é um momento aberto para que as pessoas falem. E aí eu quero muito mais ouvir

do que falar vocês. Fiquem à vontade para utilizar desse momento para que a gente possa dialogar. Sra. Taiane pede que antes de iniciar as falas que seja explicado a presença da polícia militar na AGO anterior, correu um boato que a polícia havia sido chamada por esta executiva e não é nada disso. A viatura que estava na porta da Associação dos Advogados pode ter intimidado as pessoas, mas a polícia militar ela faz parte da composição deste CONLGBT, logo ocupa uma cadeira, assim como a polícia civil que ainda está vaga. Desta executiva foi feito um levantamento de frequência e foi solicitado o encaminhamento para a Casa dos Conselhos que encaminhasse ofícios chamando as instituições faltosas e a polícia militar retornou na AGO anterior. O subtenente Custódio pediu a palavra e disse que a polícia militar é amiga do cidadão. Seja o concorrente que ele siga, a filosofia, a vitrina, a liturgia, sem qualquer discriminação. E hoje nós fomos convidados para estar aqui. Nós temos o maior prazer de participar, porque somos todos iguais perante a lei, como já diz artigo 5 da Constituição Federal. Então, nós estamos aqui para servir o cidadão. Estamos para servir a todos. Sem qualquer discriminação. Todos somos iguais. Somos irmãos e temos a mesma origem. A mossa função é também auxiliar nos eventos que tiverem da comunidade LGBT. Estamos aqui para trabalhar junto com vocês, para propiciar um conforto, uma sensação de segurança. Agora se o cidadão cometer um crime, daí as medidas serão outras. Sr. Wellington dá as boas vindas e diz que foi muito esperado a presença da polícia militar neste espaço. Sr. Junior Brassalotti se dirige ao policial fazendo a seguinte pergunta. Eu acho que, como está aberto, acho que é legal direcionar uma palavra ao conselheiro, né? Nessa função, acho que seria bacana o senhor falar um pouquinho de como funciona a formação em relação à pauta LGBT, quando chegam os novos formandos, quando chegam as operações que a gente constantemente tem aqui, porque uma coisa que tem acontecido é constantemente a gente tem relatos da violência da Força Armada, seja a Guarda Municipal, PM, e o desconhecimento, porque às vezes a pessoa conhece a legislação, mas aí o indivíduo que está por trás da farda, naquele momento do calor, não respeita. Tem os seus preconceitos particulares e acaba saindo fora da curva, desrespeitando as legislações vigentes. Então, como está essa questão da formação, eu já presenciei muitos atos de muitos, no plural, atos de desrespeito da Polícia Militar em relação a corpos LGBTs, inclusive de não quererem agir quando o ato do preconceito foi instaurado. Então, como funciona essa questão da formação? A ouvidoria funciona? Se a gente denunciar a relação da LGBTfobia, quais são os dados que o senhor tem para informar para este conselho que você ocupa uma cadeira, nessas relações internas, como funciona internamente? O subtenente Sr. Custódio responde: Eu tenho 29 anos de polícia, completei dia 31 de agosto, em dezembro estarei me aposentando, mas desde que eu ingressei na instituição, já tem a pergunta o que você tem a dizer sobre o homossexualismo? A pergunta que a gente responde é a seguinte, todos nós somos iguais, um respeitando o outro, não tem problema algum, e essa filosofia que eu ingressei em fevereiro de 1995, até hoje eu adoto isso. Tanto que eu trabalhei aqui na área do Centro Histórico por seis anos, e estou voltando agora, depois de um ano, de seis anos fora que eu estava no centro de São

Paulo, próximo da Praça da República, que tem bastante LGBT, vários eventos, ali no Anhangabaú, que eu participei, também tem o LGBT, não tem problema algum. A Polícia Militar vem para somar. A nossa história tem quase 200 anos. Quem discrimina é porque não foi bem preparado, não foi bem treinado, não foi bem orientado, mas a orientação geral, inclusive eu que tenho formação jurídica, sou formado em direito também, é que nós prestamos um serviço de qualidade, um serviço para todos, “Erga omnes”, para todos, sem diferença alguma, sem discriminação alguma. Nós somos iguais, não tem diferença entre nós, somos humanos, comemos, bebemos, dormimos, acordamos, morremos. Então nós somos iguais. A polícia é constituída de cidadãos, o cidadão sai da sociedade e entra na polícia. Se ele possui erros, é porque a sociedade erra, entendeu? O policial militar não é tirado de dentro de um laboratório e incorporado na PM, ele vem tirado do meio da sociedade, ele vem trazendo consigo todas as manias que a sociedade tem. Então isso tem que ser paulatinamente, tem instrução continuada nossa do comando geral, para nós tratarmos a todos, inclusive a comunidade LGBT e quem mais, com a melhor qualidade, com a maior prestação de serviço, com a maior sociabilidade, respeito, igualdade, atender, se tiver uma ocorrência, atender com o maior respeito. Na área central, o que nós temos? Trabalhamos seis anos, já fizemos briga de casal LGBT, um queria sair da casa porque estava junto com o pai dele lá, e o pai dele, os dois rapazes de bigode lá, fomos lá, orientamos, acabou tudo bem, todo mundo resolveu numa boa. Então nós não temos preconceito algum, nós somos iguais, somos seres humanos. O que acontece, como já te falei, são casos isolados. Não é a maioria. Não é a maioria da instituição. A instituição, ela é correita, ela procura se aperfeiçoar, ela procura acertar, mas infelizmente o ser humano erra e é nesse caso que acontece o caso isolado, como o senhor acabou de falar. É assim que você gostaria de ser chamado ele pergunta ao Sr. Júlio Brassalotti. Esse tipo de erro acontece porque as pessoas não estão preparadas. O emocional dela, naquele momento, não está preparado. Ela já vem carregando problemas de casa, problemas familiares, e ela explode daquele momento de adrenalina. Mas não é o que nós aprendemos nas nossas escolas. Inclusive, eu trabalhei na escola de formação em Pirituba, em São Paulo, três anos, na Sentinela, e ali eu vi a formação de vários alunos. A maioria que ingressa hoje tem nível superior, então não tem desculpa. Todo mundo é bem formado. Sra. Taiane também pergunta ao subtenente. Até antes da pandemia, eu lembro que a Acadepol SP, dava formação para os policiais. Continua acontecendo esta formação? Ele responde que sim. E isso é geral, porque o Estado de São Paulo tem uma cartilha. O Alckmin desde 2009 tornou lei o crime de homofobia. O nosso governador do Estado, que é o nosso comandante-chefe, o comandante da polícia e o governador do Estado, ele decretou uma lei e nós cumprimos. Porque o policial militar, se ele não cumpre a lei, ele é o primeiro a ser punido. E a punição dele é mais grave que a dos senhores. Porque ser funcionário público é um terço a mais na pena. Então nós temos uma orientação jurídica, uma orientação militar a respeitar a todos, tratar todos bem. Se acontece alguma falha, algum erro, é despreparo. É falta de atenção, falta de concentração. Atos contrários é da pessoa mesmo, que é preconceituosa. Eu sofro discriminação. Sou negro. Já era pra eu estar aposentando

como coronel da polícia, passei duas vezes na FUVEST pra entrar no Barro Branco, fui reprovado psicotécnico, não tem uma explicação tão, sabe, sem fundamento algum, porque eu não tinha perfil pra ser comandante. Hoje eu sou subtenente, vou tenente na reserva. Então a instituição, ela é uma instituição colonial. Ela foi formada por escravagistas. Ela foi formada por donos de fazenda. E esses homens, eles eram os bandeirantes, eles eram preconceituosos. Quem não fosse português, quem não fosse branco, era raça inferior. E a gente vem carregando essa tradição desde a época do governo militar, sou filho de militar, desde a época da ditadura, e assim vai. Até nós sermos limpados de todo esse ranço, todo esse preconceito, essa malicia, essa maldade, leva um tempo. Mas nós estamos tentando. E já está tendo em São Paulo a aceitação. Alojamento para quem é LGBT já foi criado no 9º batalhão 4ª companhia. O alojamento para feminina que é trans, assim vai. Está tendo uma aceitação da instituição. A instituição está se adequando à realidade. Está se adequando à qualidade. A instituição polícia militar está aceitando que somos humanos, somos iguais. Não tem diferença alguma. E aqui na área do Centro Histórico não precisa nem falar, trabalhar de noite, de dia, a gente encontra com o pessoal toda hora. Porque são seres humanos, somos nossos irmãos, somos iguais, nós amamos a todos. Dra. Sabrina diz que já está amando o subtenente. Sra. Taiane pede licença ao Sr. Custódio para fazer uma correção em sua fala. O Sr. falou em homossexualismo. Esse sufixo "ismo", ele denota doença. E a pessoa gay não é doente. Então hoje se fala homossexualidade. Sr. Custódio muito humilde responde que o perdoe, e parabeniza a Sra. Taiane pela sua linguagem e didática. Sr. Júnior Brassalotti novamente pergunta para o Sr. Subtenente: Só para registro, enquanto protocolo, como funcionam essas formativas? Porque sempre está trocando guarda, né? Sempre está chegando gente nova, é semestral, é trimestral? Sr. Subtenente responde: Há formações bimestrais e semestrais também. Da sala de aula o policial já sai formado. Estar na Instituição tem cobrança, nada é aleatório. Existem provas escritas mas na entrevista também se é perguntado sobre essas questões e também tem a parte com as colônias, as legislações mudam a todo momento. E sobre o nome social que a OAB adotou como regra no estatuto da OAB. O nome social do advogado. Da pessoa trans, da pessoa LGBT. Nós estamos aceitando a mudança da identidade. Isso é normal hoje para nós. Não tem problema algum. Ninguém chama ninguém de João, de Maria ou de Zé. É o nome que está no documento. É isso que está acontecendo. Nós estamos nos modernizando. Estamos saindo do ranço ditatorial. Estamos nos tornando democratas. Leva tempo. Sr. Marcos vice-presidente diz que tudo é uma construção. Sr. Wellington se dirige ao subtenente E diz que para além das formativas da instituição, a gente também está à disposição para somar. Seria bacana para a Semana da Diversidade, vocês, como instituição, organizassem algo também. Uma palestra, uma atividade da instituição Polícia Militar para a Semana da Diversidade. Você pode voltar lá por gentileza e conversar com seus pares. Porque aí demonstra tudo isso que você está falando. Essa disposição nessa mudança social e cultural que a polícia vem se aperfeiçoando ao longo do tempo. Dra. Sabrina Bueno, advogada, eu represento aqui a OAB de Santos. E apesar de ser muito recente a minha chegada aqui, eu confesso que eu não sabia da existência

do Conselho. Fiquei sabendo através da OAB. E as pessoas com quem eu tenho conversado, do meu círculo, também não conheciam, não sabiam da existência. Então eu acho que a gente tinha que pegar mais forte na nossa publicidade. Trazer mais gente da sociedade. Mais gente comum, o cara da banca, a fofoqueira, a gente tem que disseminar isso. A existência da gente, desse Conselho e a necessidade que a gente tem da participação popular. Sr. Gabriel quer fazer uma consideração e uma sugestão também. Todo mundo tem suas dificuldades. A gente tem a nossa dificuldade nos articular. Estou no conselho pela cadeira de ONG. No caso, a APOLGBT. E faço parte do comitê de comunicação. Que, por hora, está bem parado. Por conta do período eleitoral. Mas eu acho que tem muitas pautas que a gente precisava avançar mais. A gente tem uma dificuldade de conseguir conciliar horários e tal. Então, de repente, fica a sugestão para a gente ter alguma reunião mais fixa. Digo das comissões, talvez mensalmente. Dra. Sabrina dá a sugestão que para poder ter mais produção, que se criasse grupos com alguns assuntos para ser elencado. Vamos supor, Abel fala sobre a questão hormonal, e a gente fazer um vídeo falando sobre isso. Sobre o acesso ao hormônio no Guilherme Álvaro. Porque eu vejo que o que tem engajado mais nas redes sociais, além do post, são os vídeos. A gente podia lançar uns videozinhos falando do Conselho ou de assuntos que cada um se familiariza mais e fazer uma publicidade maior. Sr. Gabriel acha ótimo a ideia da Dra. Sabrina, mas diz que infelizmente nunca acaba acontecendo. E encerra solicitando que seja criado uma Comissão de Estudos para avançar nos estudos e nas pautas LGBT. Com a palavra a Sra. Mayara Natale: faço parte da Sociedade Civil e ao mesmo tempo eu estou aqui com a ABRAI, Associação Brasileira de Intersexo. E, assim, antes de fazer parte do Conselho, eu já vi o Conselho sendo atacado, então eu praticamente fui atacada junto mesmo não sendo fazendo parte do Conselho e depois eu tive o privilégio de fazer parte do Conselho oficialmente. Ou seja, eu sempre tive a visão de fora e ao mesmo tempo de dentro agora, fazendo parte com vocês. E o que eu tenho visto com a projeção do Conselho, com os acontecimentos, os últimos acontecimentos, o que queremos para um Conselho? Eu acho que todo Conselho, todo local que seja composto por várias pessoas, a gente tem que ter um olhar de acolhimento. Mas não só de acolhimento, mas como de solução. Porque o que acontece? Eu ouvi muito, principalmente na última reunião, que se tinha mais ataque, o pessoal queria mostrar mais força, que tipo, eu estou do lado dele, eu estou do lado dela, eu estou do lado dele, mas a gente não chegava numa conclusão. Então eu acho que o Conselho serve para a gente achar um assunto, mesmo que ele seja pesado, ofensivo, ou até forte, se pode dizer, uma violência, mas que a gente ache uma solução cabível, que a gente seja uma solução. Então eu acredito que a gente tem que dar as nossas opiniões, acho que a gente tem que defender os nossos, mas ao mesmo tempo a gente tem que achar a solução para os nossos. Porque aqui é um lugar seguro, não só por causa da polícia militar, mas a gente está em um lugar seguro. Aqui tem pessoas para nos acolher e não para nos afundar. Porque pensa, se a gente não se unir como Conselho, o que será de nós lá fora? Lá fora a gente não tem apoio nenhum, a gente é invisibilizado. Eu, como mulher intersexual me sinto totalmente segura aqui. Sr. Rafael Guilherme pede

a palavra. A Instituição OAB é antiga, tem 90 anos e a Associação dos Advogados tem 80 anos. Assim como a polícia militar o mundo jurídico é heterogêneo, homofóbico, mas temos que dizer que também está no processo de organização. As Comissões precisam fazer reuniões mais constantes e que se tenha uma reunião com todas as comissões num formato virtual. Sra. Taiane diz que até este momento e concorda com a Sra. Mayara que tivemos muito mais enfrentamentos que proposições e o ideal é que tenhamos mais proposições que enfrentamentos. Sr. Vice-presidente fala que temos muita força no conjunto, aqui realmente há essa coisa de se mostrar força, quando o intuito dos Conselhos de Direitos é unir as instituições. Sr, Abel dá o informe que este mês o Coletivo Donnas da Rua junto com a Causa Beauty fez um mutirão de retificação de nome para pessoas trans de Santos e o mais legal foi ver pessoas do Conselho participando e caminhando junto com os movimentos sociais do território. Sr. Junior Brassalotti pede a palavra e diz que falando em proposição pegando a fala da companheira e do companheiro é a questão da comunicação, o tempo de uma reunião como esta serve como processo pedagógico, quando a Taiane nos ensina como ensinou o Subtenente. Eu sei que a gestão tem a sua resistência, mas quando se faz uma chavezinha de comunicação de se fazer uma transmissão ao vivo desta AGO, alcançamos um público grande. Se a pessoa não conseguir assistir ao vivo, vai assistir depois porque está lá a disposição do cara da banca e assim diminuir preconceitos. A secretaria de cultura já adotou esta metodologia e quando o carinha assiste ele vai se reconhecer, ele vai entender que aqui é o lugar dele, que ele pode sim trazer as suas demandas e este CONLGBT tem que ser pacientes porque aqui é o espaço. Essa comunicação ela gera transparência e segurança jurídica para quem está como conselheiro. A secretaria de cultura percebeu que com esta inovação triplicou o interesse das pessoas e as pessoas tiveram o interesse de estar indo as reuniões presenciais. Esta forma facilita também que LGBT que não tem condição de ter o dinheiro do ônibus para vir a esta AGO ou está doente e tenha a oportunidade de acessar o conteúdo e até participar virtualmente. Dra. Sabrina pede a palavra e diz que o que o Junior Brassalotti diz como disseminar informação é a verdade mais pura e absoluta porque participo de algumas comissões e eu assisti uma palestra sobre não binariedade que eu não sabia um terço do que foi dito. Acho muito legal espalhar a informação. Sr. Presidente diz que a gente não foge da legalidade, existe uma lei que rege o Conselho. Todos os Conselhos nasceram pós constituição federal, então são braços da sociedade junto ao poder público e a sociedade tem que participar desses fóruns para que pudéssemos ter essa democracia participativa para além da democracia representativa que é o voto. Do ponto de vista legal, jurídico as vezes há competes que nos travam. O Conselho sempre será um espaço de acolhida, tem que ser um lugar onde as pessoas se sintam à vontade, um paço onde a pessoa venha, tenha vez e voz. As mudanças sociais não começam da noite para o dia. São séculos para mudar hábitos, costumes. Para quem minimamente estuda história sabe que a gente vem passando por um processo de evolução. Se abdicamos de estar neste espaço, outro corpo virá ocupar este espaço. O trabalho é de formiguinha mas estamos deixando um legado para as novas gerações e que elas vivam futuramente algo melhor

que nós que nós vivemos hoje, que é só violência, tortura, que há todo tempo nos matam. A gente só consegue convencer o outro trazendo o processo de educação junto. As Comissões deste Conselho que geram produtos, ocupem estes espaços. Além do CONCULT o CONDEFI também faz transmissões virtuais e deixa disponível no youtube, mas para que isso aconteça se faz necessário ter braços, pessoas voluntárias que faça essa comunicação acontecer. Temos um ano de Conselho e temos muitos desafios ainda. Se é uma proposta, já temos este auditório como espaço. A ideia é o Conselho ir para todos os territórios da cidade, mas a também a disponibilidade de espaço para acontecer. Enquanto Presidente também tenho a vontade de levar esta AGO para a Zona Noroeste, para os morros. Outra questão, os movimentos sociais sempre serão bem vindos, foi através dos movimentos sociais que conquistamos os Conselhos de Direitos, inclusive o maior movimento social que é o Movimento sem Terra ainda é colocado como bandido sendo que a principal bandeira é o lugar de habitação, é o lugar do movimento de moradia e a habitação que todos nós merecemos. Fomos convidados pelo Donnas da Rua e pela Causa Beauty para estar juntos no mutirão e toda construção foi feita juntos, mas tudo é uma via de mão dupla. Com relação as formativas, hoje temos uma Coordenadoria que também tem a formação como compete, mas a Taiane não consegue ser onipotente e nem onipresente para estar em todos os espaços. Há pessoas aqui que também estão habilitadas para serem multiplicadores, para falar da pauta LGBT, para falar da diversidade sexual. Buscar outras pessoas que também tem essas expertises e multiplicar. O CAMPS foi a primeira Instituição a fazer a inscrição para Semana da Diversidade, lá existe um Comitê de Diversidade, é a nossa juventude se colocando a disposição para serem agentes multiplicadores. Do mesmo jeito que estamos aqui falando de diversidade, no outro canto da cidade há pessoas dizendo que somos defensores da ideologia de gênero, que queremos doutrinar as crianças, chamando a gente de tarados, de pedófilos que foi o que aconteceu e tudo isso sendo postado em rede social. Houve noites que esta executiva não dormiu, blindamos o máximo vocês de tudo que estava acontecendo, os ataques foram gigantescos e dolorido porque dói na nossa alma, somos pessoas LGBT. O Representante da Secretaria de Educação Sr. Anderson, suplente da Sra. Palom após a sua apresentação diz que a educação ela até avançou mas quando ela achou que estava realmente avançando, ela retrocedeu no ano de 2018, quando a gente impõe que meninos usem roupas de cor azul e as meninas de rosa, uma narrativa governamental, como se isso fosse falar e tratar de evolução educacional, das sinapses como se a gente fosse desenvolver melhor se as crianças estivessem de azul e de rosa. E agora essa ideologia das escolas cívico militar que não quer saber jamais deste assunto e a educação vem na contramão. Hoje a SEDUC Santos está abrindo a sua 35ª Semana Municipal de Educação Paulo Freire, que ela vem com tema Inclusão e a gente precisa falar da inclusão de todes também. Não é só a inclusão do TEA, da síndrome de down, mas a inclusão das crianças serem quem são e serem acolhidas com a mais plena concepção e isso lógico como também vocês sabem, vocês também passam, é difícil dentro da escolas mas não é impossível. É necessário que a gente apresente. Inclusive a Taiane fez uma formação, eu não estava, mas a Secretária

Cristina Barletta fez uma reunião om a gente e disse como é linda a diversidade e necessária. Nesta mesma reunião algumas diretoras de escola disseram não querer isso em suas escolas, eu não vou assumir isso para os pais. Mas é necessário sim que a gente transceda todos esses muros e que apresente as pessoas com amor, pelo amor e não como monstros, aberrações como dizem por aí. Finalizo dizendo, será mesmo que Deus fez pessoas imperfeitas somente para serem olhadas? Sr. Júnior Brassalotti voltando na questão anterior, na fala do Sr. Presidente, ele diz que quando se fala que a sociedade civil mesmo participando nas comissões juntamente com governo pode se colocar como voluntário na questão da transmissão da AGO, você também está transferindo a responsabilidade para a sociedade civil, quando na verdade este papel é da gestão por ter as ferramentas. Na secretaria de cultura é solicitado um servidor que saiba fazer toda a transmissão e que esta seja repassada par os 5 territórios da nossa cidade. Acho que isso pode ser encaminhado internamente como Conselho. Sr. Presidente responde que existe uma comissão de comunicação, e lá será discutido entre sociedade civil e governo e que o governo está aqui com toda infraestrutura necessária, mas a gente pode se adaptar para achar melhor denominador entre os pares. **Item 6. Recomposição das comissões;** Sr. Wellington inicia a sua fala dizendo que há três comissões neste Conselho. Que é a Comissão de Planejamento, a Comissão de Comunicação e a Comissão Jurídica. E o que eu vejo, assim, de longe, da Jurídica eu não participo do grupo de WhatsApp, não sei o que está rolando. Mas na Comissão de Planejamento e na de Comunicação eu estou lá, quietinho, até porque tem que trabalhar. Eu queria, o quê, passar para os dois coordenadores que aqui estão, para a gente falar um pouco sobre as comissões e os desafios que vocês têm enquanto coordenadores. Por quê? A gente também teve muita alteração de representação, tanto das secretarias quanto da sociedade civil. E a gente quer que essas pessoas que hoje chegaram novas no Conselho possam também participarem das comissões. E às vezes não estão nessas comissões. Então, assim, quem está aqui e quer participar também pode se colocar à disposição. Só que antes disso eu queria estar ouvindo os coordenadores. Acho que o Chico pode falar um pouco sobre a de Planejamento, seus desafios, o que você vem enfrentando. Sr. Chico: Sobre o Planejamento, eu acho que está bem complicado manter a comissão sendo bem aberto aqui a todes. Acho que está bem complicado manter porque, tipo, quando a gente fez a votação para criar a comissão, muita gente ficou interessada. E a partir do momento que teve a votação, que a gente determinou, e afins, e fechamos um grupo, aí já teve até gente nova que entrou, mas só que é um grupo que não se movimenta. As vezes eu indago lá, mando mensagem, a galera não interage. A galera fala aqui, aqui a gente fala. Então, tudo quando é do Planejamento, eu não consigo planejar antes. Eu tenho que pensar, trazer para Assembleia, para todo mundo aprovar, pra gente conseguir seguir. Então, uma coisa que a gente conseguiria fazer, se conseguisse tirar um dia, um horário, etc e tal. Às vezes, vamos supor, a comissão de Planejamento, o coordenador é você, você tem que fazer a reunião no dia que você pode. Eu ainda coloco lá aquelas enquetes do WhatsApp. Falo, gente, qual que é o melhor dia, qual que é o melhor horário para eu organizar os meus compromissos em cima do que a maioria possa. Mas sempre aparece

os mesmos, ou às vezes só aparece o coordenador e a relatora, ou às vezes o coordenador e o presidente. As vezes o coordenador e o meu parceiro, que também faz parte da comissão. Só que são sempre as mesmas pessoas. De um grupo que a gente tem lá com 15 pessoas, nem lembro quantas pessoas tem mais. Tem gente que não fala, ninguém, eles não reagem, eles não falam. Então a gente precisa fazer essa limpa. E sendo bem sincero, eu entendo que a gente tá aqui numa AGO, mas eu acho que esse assunto pra hoje, vendo a quantidade de pessoas que tá aqui, deveria ter que ser repensado trazendo uma próxima também. Porque na AGO passada a gente tava bombando. Hoje a gente não tá tão assim. E é de dia, a gente entende isso, sabe? Só que a gente precisa sim pegar firme nisso, porque quando eu assumi realmente, eu não entendi o que eu tava fazendo. Não vou mentir, não vou ser hipócrita aqui para falar pra vocês. Eu fui mesmo de cabeça, porque eu sou sociedade civil, e eu queria fazer e acontecer e brilhar.Muita instituição aí, que tava há muito tempo fazendo e acontecendo. Eu falei, não, agora é a nossa vez, chegamos agora, vamos fazer, vamos acontecer. Sou proativo para fazer as coisas, a galera sabe disso. Tipo assim, tudo que me pedem, eu tento ser o máximo atencioso, tento se fazer com o máximo de atenção, com o máximo de zelo. Mas sozinho é complicado, vou dar um exemplo. A gente teve o edital da Semana da Diversidade, aí agora a gente está planejando a Semana da Diversidade. É de um a oito, são tipo oito dias para gente organizar. São oito dias para gente cuidar, são oito dias pra gente fazer. Aí são oito dias que seria legal se eu planejasse em conjunto. Quando eu vou até falar, quando eu planejo algo, eu vou planejar em cima do recorte que eu entendo. Das coisas que eu entendo da minha vivência. Pensando num todo, num geral. Mas eu vou até onde dá, como é que eu vou falar sobre um recorte que eu não conheço? Como é que eu vou abranger sem um local de fala, sem um leve entendimento? Você tá entendendo? Então às vezes, parece até que tipo assim, que eu já escutei bastante. Ai, as coisas estão muito artísticas. Porque eu sou artista, eu tô lá. Eu sou da dança, eu sou drag. Então onde eu puder, eu vou encaixar. Vou colocar drag, vou colocar dança, vou colocar canto, vou colocar grupo. Porque é o que é a minha área, é o que eu consigo contribuir. Então tipo assim, ai, tem muito artístico, tá? Dá a contrapartida, dá o contrapasso. Traz então o não artístico. Traz, sei lá, talvez o jurídico ou outra coisa. Traz uma outra coisa pra gente poder encaixar. Para não ficar só em cima também de uma pessoa. Eu acho que a gente aqui tá em comunhão de uma mesma causa. Então por que não tá funcionando? Acho que a gente tá bem grandinho pra gente tentar entender. Não tô com saco, ou não tô interessado. Ou talvez, eu acho que pode ser o Chico tão inexperiente para o cargo. Eu acho que a gente tem que ser bem transparente pra gente conseguir entender qual que é a problemática de não estar funcionando do jeito que a gente esperava que estivesse funcionando. Eu acho que uma galera que tá mais de uma reunião comparecendo toda vez que a gente tem uma relatoria das comissões o meu discurso é sempre o mesmo. Eu mando mensagem, eu vou atrás, a galera não interage, a gente não consegue. Ó, eu pensei nisso, o que vocês acham? Aí todo mundo vota, aí acaba ficando a ideia que eu pensei. Você tá entendendo? Eu acho que a gente tem que pensar a gente tem que pensar como que a

gente pode fazer uma melhoria pra isso porque isso vai ficando pesado pra uma pessoa que estava ali, tipo, dedicando tempo para fazer pela causa. Uma pessoa sozinha, ela deixa de ser uma comissão de planejamento ela se torna uma comissão de idealização, ela se torna uma comissão de execução, porque não tem ninguém pra ajudar. E aí você acaba tendo mais cargos do que a sua comissão e afins porque você quer ver aquilo funcionar. E eu falo isso pra vocês como um desabafo de desespero mesmo porque eu posso falar pra vocês, eu já pensei em falar assim, bom, já que somos um conselho, são quantas cadeiras? 30? 15 de cada? Só eu tô falando, então eu prefiro largar a comissão se ninguém se mexe, ninguém tá interessado porque eu vou estar interessado também. Todo mundo tem compromisso, todo mundo tem vivência, todo mundo tem suas demandas. E eu acho que a gente deveria pensar, sim, com carinho, referente a isso, porque a ideia não é pular do barco, a ideia é a gente remar, remar, remar e se o barco furar, a gente aprender a nadar junto. É isso. Sr. Gabriel pede a palavra: Eu só queria completar, porque o Chico tava falando e a gente tava falando um pouquinho antes também, viu, Chico. É de tentar, toda vez, toda reunião, isso acontece nas outras comissões também, a gente sempre faz essa súplica de participação e não acontece, a gente já sabe. Como que a gente consegue, de repente, tornar isso mais na corda firme? Criando reuniões mais assíduas, talvez, já com um horário pré-determinado. Eu lembro que o presidente já tinha trazido também a ideia de que todos os 30 conselheiros teriam que estar distribuídos dentro das comissões. Acho que a gente tá nesse espaço justamente pensando isso. E daqui pra frente a gente deliberar em cima disso. Vamos fazer reuniões mais assíduas? Todos os conselheiros vão participar? Com a palavra a Comissão de Comunicação: Sou o Marcos, vice-presidente. Bom, eu compartilho muito da vivência do Chico. Acho que hoje a gente tem um problema muito grande também para a comunicação. Porque a gente tem que estar um pouco mais afastado de alguns temas, de algumas coisas, por conta do pleito eleitoral também. Mas a gente tem essa grande diversidade, a gente tem trabalhos muito grandes pra fazer. Se a gente quer ser visto na rua, como Conselho, a gente precisa dar voz e dar nome também ao Conselho. E também estou junto com o Francis nessa questão, de que nós precisamos ajustar as Comissões. Eu acho que esse é o caminho correto. Ajustar as Comissões e que todos os conselheiros entendam que eles precisam fazer parte. Eu até gostaria, Wellington, de até sugerir mesmo, como um critério, que todos têm que fazer parte das Comissões, ou pelo menos de uma comissão. Pode se repetir em outras, não tem problema. Fazendo parte, porque ter mais pessoas agregando dentro de um grupo de trabalho já muda toda a história. Porque não é uma decisão individual, nem uma decisão dupla. É uma decisão um pouco mais coletiva, que a gente vê que tem outras pessoas pensando junto, estando junto também no debate, criando novas ideias também. Eu acho que antes da gente criar essa assiduidade das reuniões, a gente precisa primeiro colocar novas pessoas nas Comissões. Eu acho que é importante também definir o trabalho de cada Comissão, até onde ela pode ir, o que ela pode fazer, qual é o objetivo dela, o que ela vai trazer de benefício para o Conselho, O Wellington já tem feito isso, mesmo antes de eu estar nessa cadeira que eu ocupo agora também na executiva, já de trazer os coordenadores das

Comissões para dentro da reunião da executiva. Então isso é muito importante, porque a gente fica por dentro das informações que já estavam sendo articuladas, dos interesses realmente para o Conselho, e é cada vez mais mostrar essa união também. Eu acho que a gente está aqui para nos unirmos, como eu falei anteriormente, mas eu acho que é unir e trabalhar juntos. Não é só uma vez por mês vir aqui. Não é só colocar o nomezinho, aparecer o nomezinho ali no D.O.. É participar de forma efetiva. Então acho que é isso que eu queria colocar também. Sr. Wellington pergunta ao Dr. Rafael se ele quer falar do jurídico, já que o Dr. Guilherme não está presente? Dr. Rafael diz que não. Sr. Wellington continua: Bom, eu ouvindo dos coordenadores, acho que chegou no objetivo que a gente quer. Para que a gente possa ter os conselheiros participando das Comissões, a gente vai trazer para a próxima assembleia uma resolução normativa. Nessa resolução normativa eu peço ajuda da comissão jurídica, porque a gente precisa fazer com que os conselheiros, tanto titulares ou suplentes, participem efetivamente das comissões. E a gente tem que ter um instrumento jurídico. E o conselho pode expedir uma resolução normativa com essa deliberação do colegiado para que os conselheiros também participem das Comissões. Então a gente vai trazer isso, vai ser um próximo item de pauta, para que a gente possa participar efetivamente das comissões, para que a gente possa ter vida no conselho. Uma outra situação que vem muito na minha cabeça, do âmbito sociológico falando, todos os grupos sociais se organizam em bandos. E que, socialmente falando, a gente chama esses bandos de panelinhas. E eu fico muito triste quando eu ouço assim, ah, é uma panelinha. Eu não tenho esse tipo de postura. Quem me conhece há muito tempo como servidor, a gente quer incluir o tanto mais pessoas possíveis. Para além agora só dos coordenadores, a gente também vai convidar os relatores para participar das reuniões da executiva, que é mais gente pensando. Quem participa da reunião da executiva sabe que a gente define as questões no colegiado, não tem nenhuma questão ditatorial, ninguém que chega com o prato pronto. Tudo é muito discutido e aberto ali, para que a gente possa trazer a pauta. Essa pauta que é construída muito no coletivo, com sugestões também de conselheiros e colaboradores. O Júnior sempre manda para mim sugestões, é uma pessoa muito ativa, a gente leva para a diretoria executiva para saber se pode entrar para a pauta ou não. Isso é muito dialogado. E a gente precisa disso, desse movimento acontecendo. Então, resolução normativa para apreciar, jurídico nos ajude, o relator agora vai estar nas comissões. E quanto mais, gente, vocês que estão no dia a dia, que conhecem LGBT, que podem participar do conselho, tragam para esse lugar. A gente precisa ocupar, é muito triste quando a gente tem item de pauta com vacância. A gente não quer que esse conselho tenha vacância, a gente quer que esse conselho esteja cheio. As pessoas vêm aqui e participam. Sr. Marcos se despede da plenária por ter outro compromisso. Sr. Chico pede a palavra: Eu acho que a galera tem que entender que o Conselho é o que a gente quer construir coletivamente. Acredito que todo mundo chegou aqui por alguma aflição ou algo do gênero pessoal e acabou entendendo que o negócio é coletivo. Pelo menos estou falando por minha vivência. Cheguei aqui para ver as coisas que eu passava, para saber as minhas demandas, etc. E vi que aqui a gente não lida só da minha demanda, da sua

demanda, da demanda do amigo. A gente lida do mandato coletivo. E eu sinto que a galera também espera muito a pauta sair para ver se vai estar presente ou não na reunião. Eu acho que é uma causa. A pauta de hoje pode não estar me contemplando, mas a pauta do mês que vem pode me contemplar. Só que se eu não participar da pauta que não me contempla, uma hora essa pauta vai me barrar de alguma coisa. Isso foi decidido numa AGO que você não foi. Então acho que seria legal pedir para a galera também participar para além das pautas que são significativas para elas, porque a gente está tratando sobre uma causa, sobre um coletivo. Então a gente está falando sobre diversas vivências, sobre diversos recortes. Não só do que a gente põe aí em oito pautas, cinco pautas. Acho que a gente tem que ver mesmo a galera, para conscientizar eles que toda AGO é necessária estar aqui para escutar, para dialogar, para a gente debater. Porque senão as pessoas vão perdendo cada vez mais voz. Tem gente no Conselho que eu não conheço nem a voz. Vejo diversas vezes aqui e eu não escuto a voz, não sei como que é. Se a pessoa falar, eu vou me assustar. Então a galera tem que vir, tem que participar. Eu acho que falta isso, não só ocupar a cadeira. Está ocupando a cadeira? Vem aqui, assinei. Está. O que isso vai mudar na causa? Eu estar sentado em uma cadeira e assinar uma lista de chamadas? Eu tenho que se envolver com o negócio. Pelo menos é isso que eu apelo para a galera. Sr. Wellington pergunta se mais alguém gostaria de se manifestar. Ninguém se manifestou. Ele continua: Para a próxima AGO, para a gente não ficar perdido nas pautas que a gente traz, isso é o que eu fiz lá no Conselho da Comunidade Negra. Saiu numa AGO nossa que a gente ia trazer as letras para a gente poder aprender sobre as letras do LGBT. Que diversidade é essa? E eu fiquei na dívida com a Mayara. Para a AGO de outubro, teremos o tema pessoa intersexo. E para as próximas, é interessante falar das mulheres lésbicas, dos homens gays, tragam temas. Sr. Chico diz que quando o Conselho lançou a pauta para o binário foi uma pauta que teve um tempo limitado e a gente não conseguiu tirar dúvidas, não conseguiu conversar, não conseguiu dissertar sobre aquilo. Se a gente tiver que falar em outubro sobre o intersexo, era legal, a gente escutar, aprender e já ir pensando no que a gente poderia deliberar aqui. Mas aí tem que ser uma pauta mais enxuta para isso acontecer. Precisa de um tempo para ouvir e para tirar dúvidas. A gente só aprende quando a gente debate. Não adianta a Mayara falar sobre o intersexo aqui, eu pegar e ir para casa. O que eu entendi? Porque a Mayara me explicou. Como me tocou, é o meu entendimento, é a minha interpretação. Só que não é o que eu interpreto, é o que a Mayara falou. Então para isso eu preciso falar com a Mayara, perguntar, debater, para a gente conseguir entender. Acho que seria legal quando tivesse uma pauta dessas intersexo, não binárie, pessoas trans, homens gays, mulheres lésbicas, que a gente tenha um tempo de deliberar. Que seja assim, meia hora a gente vai escutar essa pessoa, meia hora a gente vai deliberar sobre. Nem que seja com um tempo de fala cronometrado. Sr. Wellington diz que hoje as falas seriam com tempo cronometrado, mas acabou relaxando. Voltando ao assunto das Comissões, se direciona ao Sr. Gabriel e diz: Para que a gente possa ter instituído mais uma comissão, a gente precisa ter minimamente ali no documento, como se fosse atribuições. Se você pudesse assim me mandar, porque aí eu já encarto isso na

proposta de resolução. Como chegou nessa necessidade de ter essa nova comissão? Sr. Gabriel responde: Pegando o gancho do Chico, é exatamente isso. Eu acho que todo mundo aqui se depara em algum momento com alguma coisa que não sabe exatamente ou tem curiosidade, quer se aprofundar, escutou, mas ficou com um monte de questões ainda, se identifica. Enfim, todo mundo a gente está com constante aprendizagem. Nesse sentido, o nosso tempo aqui é muito curto, e é o que o Chico estava falando. A gente escuta, ela vem e faz uma apresentação sobre intersexo, a gente ouve e tal, e depois ainda vai depurar tudo aquilo, ainda vai refletir sobre tudo aquilo, e eu sinto a necessidade de me aprofundar. Isso é uma demanda mais ou menos acadêmica minha. Fica a sugestão, pra quem quiser participar, pra quem quiser compor, a gente vai sugerir ainda pra Executiva a criação de uma comissão de estudos, justamente pra avançar em pautas LGBT, na sigla, LGBTQIAPN+, e outros temas que a gente tenha também, de curiosidades. E também, enquanto conselheiros, conselheiras e conselheires, a gente tem uma posição de formadores de opinião, fora daqui. Então, é importante que a gente saiba o que a gente está falando. Se não tem uma pessoa ali que representa uma pessoa intersexo, por exemplo, eu vou ter que falar em nome dela alguma coisa. E que minimamente, esteja preparado para isso. E a comissão de estudos vem nesse sentido**.** Abel pede a palavra: Como sugestão, pode desconsiderar totalmente, mas é que eu fiquei pensando. Essa comissão, ela poderia ser de estudo, pesquisa e formação. E aí, o que a gente está propondo aqui dessas formações com relação às siglas, comunidade LGBT de uma forma geral, essa comissão poderia ser um espaço dessas discussões, pra depois a gente conseguir reproduzir aqui em outros espaços. De pronto todas as pessoas presentes acharam a ideia ótima. **Item 7. Vacâncias da sociedade civil; a) Organização não governamental na defesa e promoção dos direitos LGBT (1 SUPLENTE);** Ninguém se manifestou à vaga, continuará vacante. **b) Movimento social que atue na promoção dos direitos LGBT (1 SUPLENTE);** Ninguém se manifestou à vaga, continuará vacante**. c) Munícipes que se autodeclarem lésbica, gay, bissexual, travesti, mulher transexual, homem trans e pessoa intersexo independente de organização (2 SUPLENTES);** Abel se candidatou a vaga, f e a partir da próxima AGO está suplente. **d) Munícipe com deficiência que se autodeclare LGBT (1 TITULAR e 1 SUPLENTE) – Apresentar laudo médico para PCD;** Ninguém se manifestou à vaga, continuará vacante. **8. Informes, Moções e Assuntos Gerais.** Sr. Wellington falou sobre a Conferência Estadual: A gente tá em conversa com o coordenador estadual. Eles estão criando um GT, um grupo técnico, que vai pensar em toda a dinâmica de como é que vai ser essa conferência estadual. Ainda não teve nenhuma normativa do governo do estado, nenhum chamamento oficial. Então a gente está esperando que, não sei se eles estão aguardando o momento eleitoral, enfim. Mas enquanto Santos a gente está pressionando. A gente não está de mãos inerte. A gente está pressionando porque nós somos o primeiro município do estado de São Paulo a realizar a conferência. Já encaminhamos o nosso relatório para Secretária Nacional, Symmy Larrat. Tudo que a gente pôde fazer, oficialmente a gente fez, a gente só tá aguardando esse start. A gente fica muito feliz que as cidades aqui da Baixada estão se movimentando. Cubatão realizou a etapa, né, Mayara? Estivemos lá em

Cubatão. Guarujá já estão estudando a possibilidade de ter a Conferência. São Vicente, a presidente do Conselho de São Vicente é a Paloma. São Vicente também está começando a se movimentar. Nós já nos colocamos à disposição para ajudar, metropolitanamente falando aí, auxiliando as cidades e se colocando à disposição para somar. Em todos os lugares que chamam, a gente está indo para ajudar no processo. O calendário da Secretaria Nacional é outubro do ano que vem, para acontecer a conferência. Então, a gente espera que as outras etapas aconteçam antes. E assim possamos eleger delegados para etapas estaduais e federais. Com relação ao abrigo LGBT+, Programa Acolher Mais. Nós enquanto Conselho juntamente com a Codiver e com a Secretaria de Desenvolvimento Social e também com a Secretária Larissa, da SEMULHER, fomos a São Paulo conhecer a Casa Florescer, foi uma experiência maravilhosa. Fomos para conhecer a dinâmica da Casa, como se dá todo trabalho diário, da captação de recursos, tudo que envolve uma casa de acolhimento, juntamente com a política de assistência, dentro da tipificação do SUAS, a política de abrigo está dentro e a gente não pode fazer um diálogo separado, sem estar junto da assistência social. A metodologia do Beto, gestor da Casa. Quando chegamos tinha um grupo de estudantes de medicina e as mulheres trans e travesti que lá estão acolhidas e detalhe, todas elas são muito empoderadas. Foi muito rica ouvir todas as vivências. Há um tempo para que elas fiquem abrigadas e neste tempo elas são encaminhadas a cursos, projetos para que num futuro próximo elas estejam organizadas e inseridas no mercado de trabalho. A Casa Florescer é exclusiva para mulheres trans e travestis mas em São Paulo já tem outras casas segmentadas. Enquanto Presidente do Conselho perguntei quando estávamos em roda de conversa, como seria uma casa mista com pessoas LGBT, sem o recorte trans/travesti e as respostas foram bem polêmicas. Enquanto governo estamos trabalhando para que seja viabilizado futuramente porque é plano de governo e é também proposta nº 1 da nossa Conferência, é diretriz nacional. Se faz necessário a pressão da sociedade civil. Sr. Junior Brassalotti pergunta ao Sr. Wellington sobre o caso de transfobia no Santos Jazz Festival, se foi criado o GT para mudança de legislação para acesso aos banheiros? Ele responde: O Santos Jazz esteve aqui na útima AGO, eles se comprometeram a criar um comitê, nos colocamos a disposição para somar, mas ainda não foi criado e nem há nomes ainda para composição. A representante do CONCULT nos disse que irá ser criado um protocolo de utilização de banheiros para todas as pessoas, nos colocamos a disposição e estamos aguardando o chamado. Sr. Junior diz que está a disposição para receber estes nomes. Sr. Wellington pergunta a plenária quem tem o interesse de compor este grupo do CONCULT. Sra. Mayara, Abel e o Sr. Wellington e Dr. Rafael se colocaram a disposição. Sr. Chico informa que neste final de semana vai estar acontecendo um evento nosso que foi contemplado pela Lei Paulo Gustavo, “Master Class”, será 3 dias de eventos e de aulas gratuitas de hip hop. Sexta-feira no Clube Portuários, sábado será a contrapartida na Quadra da Escola de Samba da Zona Noroeste e domingo o encerramento no Clube Portuários. Sr. Chico se comprometeu enviar os flyers. Sr. Gabriel deixa a sugestão com relação a semana da diversidade que este ano o Conselho participe de alguma ação solidária voltada para alguma entidade.

Sra. Taiane cita o Projeto Tia Egle, que inclusive hoje no instagram deles, já estão divulgando sobre as sacolinhas de Natal para apadrinhar uma criança do Projeto e ela concluí que a sugestão da Tia Egle foi porque na época da pandemia, foi lá que fizemos todas as entregas de cestas básicas para o público LGBT+ do nosso Município, a maioria dos nossos LGBT+ não tinham CADúnico e isso impossibilitava das cestas serem dispensadas pelos CRAS. Lá no Projeto por quase 1 ano e meio foi QG e ela nunca disse não, sempre esteve de portas abertas para nos receber. Infelizmente a perdemos a 15 dias atrás. O Professor representante da SEDUC informou que os alunos dele dos arredores do sambódromo da Zona Noroeste foram beneficiados com as cestas básicas entregue no Projeto Tia Egle. O Arcanjo enquanto Associação não podia dar cestas e a Tia Egle supriu esta necessidade no tempo da pandemia. Sr. Presidente pediu a todas as pessoas que ficassem de pé para um ato de silêncio de 1 minuto em memória da Tia Egle. Após 1 minuto, “EGLE PRESENTE!”. A reunião foi encerrada com a presença dos integrantes que assinaram a lista anexa, tendo sido lavrada a presente ata, a qual vai assinada pelo Presidente Sr. Wellington Paulo da Silva Araújo, e pela 1º. Secretária, Sra. Taiane Miyake A. C. Rocha.

_____	_____
WELLINGTON PAULO S. ARAÚJO	**TAIANE MIYAKE A. C. ROCHA**
PRESIDENTE	**1ª SECRETÁRIA**